

Setor registrou aumento de 1,9%

Com alta dos juros, consórcio é a saída

DADOS revelam que o Brasil tem hoje 7,13 bilhões de consorciados ativos, sendo 2,15 milhões abertos entre janeiro e novembro de 2015.

MARINA BARBOSA

Com a Selic no maior patamar dos últimos dezanos, fugir dos juros virou obrigação. Quem pretendia financiar um carro ou um imóvel no banco, por exemplo, passou a pensar duas vezes antes de fechar o negócio. Prova disso é que o financiamento imobiliário caiu 33% em 2015. Mas isso não quer dizer que todo mundo desistiu das compras. Muita gente migrou dos bancos para o setor dos consórcios, que, por cobrar apenas uma taxa administrativa no lugar dos juros, consolidou-se como uma alternativa ao financiamento e ganhou mais de dois milhões de associados em um ano.

De acordo com a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), o Brasil tem hoje 7,13 bilhões de consorciados ativos. E 2,15 milhões desses negócios foram abertos entre janeiro e novembro de 2015. Foi um aumento de 1,9% na procura perante o mesmo período de 2014. Pode parecer pouco, mas o acréscimo representa um incremento de R\$ 9,5 bilhões nas contas do setor: só nos 11

primeiros meses do ano passado, os consórcios acumularam R\$ 79,74 bilhões, um montante 13,5% maior que o registrado no mesmo período do ano anterior.

Só o setor de consórcios das concessionárias Honda cresceu 73% em 2015, com a comercialização de 7.221 veículos. Na Zona Oeste do Recife, a Rancon também viu seu faturamento crescer no ano passado, com a venda de 200 novas cotas. “Nossa unidade teve um aumento de 30% nas vendas e a expectativa é continuar assim neste ano, porque as pessoas querem trocar de carro sem pagar os juros altos das financeiras”, conta o gerente Marcos Vinícius do Monte, que disse ter faturado R\$ 15 mil só nas primeiras semanas deste ano.

Diretor da Abac no Nordeste, Rodrigo Freire reconhece que, no cenário econômico atual, os consórcios aparecem como uma “alternativa interessante ao financiamento” e têm tido um “crescimento substancial”. “Como o Brasil tem uma das maiores taxas de juros do mundo e nós ainda tivemos uma majoração dos juros tradicionais, a taxa do financiamento aumentou muito. O consumidor passou, então, a procurar outras alternativas de crédito. E o consórcio apareceu como uma boa opção porque não cobra juros”, argumenta, explicando que a parcela cobrada pelo setor é composta apenas pelo fundo contratado pelo cliente e pela taxa admi-



GERENTE da Rancon, Marcos do Monte, falou de aumento de 30% nas vendas em 2015. Expectativa é manter tendência

nistrativa das administradoras, que gira em torno de 2% ao mês, percentual bem menor que os 14,25% da Selic.

Foi exatamente para fugir dessa taxa que o administrador Gustavo Vilas Boas, de 36 anos, preferiu investir em um consórcio para poder trocar de carro na crise. “Eu queria uma parcela barata e um tempo maior de pagamento. Fiz várias projeções para encontrar a melhor opção e em todas elas o consórcio levou vantagem”, revelou, explicando que somou todas as parcelas previstas nos planos de financiamento e nos de consórcio para comparar o valor pago no final. “O consórcio sempre tinha um valor menor, porque os financiamentos têm juros compostos. São juros em cima de juros e isso aumenta muito o valor final”, lembra. “No financiamento, você paga quase o dobro. Mas, no consórcio, você só paga o preço do bem e em parcelas”, completa a comerciante Rosângela Maciel, 29, que também está trocando de carro neste sistema.

Mas o diretor regional da Abac acredita que outros fato-



ROSÂNGELA diz que no consórcio só se paga o preço do bem e em parcelas

res também contribuíram para o crescimento do setor. Freire lembra que, no ano passado, o governo restringiu a oferta de crédito imobiliário, ao cobrar entradas de pelo menos 50%. Por isso, financiar uma casa ficou ainda mais difícil. “E a busca de alternativas mais baratas para compras parceladas também mostra o amadurecimento do consumidor”, acrescenta.

Folha resume

Conjuntura de alta dos juros favorece financiamento via consórcio, que oferece taxas mais baratas. No mercado, isso já vem sendo sentido pelas montadoras e empresas que oferecem esse tipo de modalidade de compra. A alta chegou em 1,9%, entre janeiro e novembro de 2015, resultando em um faturamento 13,5% maior.

Modalidade não é para quem tem pressa

Disponível para a aquisição de imóveis, veículos, bens duráveis e serviços, o consórcio ainda é usado sobretudo para a compra de carros e casas. Tanto que esses setores registraram os maiores índices de crescimento em 2015. Só os consórcios de imóveis cresceram 41,5%. Já os de veículos, que haviam caído 7,7% em 2014, cresceram 9,4% em 2015, disponibilizando quase R\$ 31 bilhões em crédito. Mas economistas lembram que, se há pressa em adquirir o bem, esta talvez não seja a melhor opção de investimento.

Baseado na reunião de um grupo de pessoas físicas ou jurídicas para a aquisição de bens ou serviços por meio de autofinanciamento, o consórcio disponibiliza o crédito contratado a um consumidor por vez, por meio de sorteios mensais. Por isso, muitas vezes, é preciso esperar mais de um ano para ter o bem desejado em mãos. E se não dá para esperar pela sorte, é preciso oferecer um lance para usufruir do crédito antes de ser

“APESAR DE NÃO pagar juros, você fica dependendo do sorteio ou de um grande lance”

sorteado.

É por isso que o professor de economia da Faculdade dos Guararapes (FG) Roberto Ferreira afirma que, apesar de sair ganhando na taxa de juros, o consórcio não é bom negócio para quem precisa se mudar rapidamente, por exemplo. “É verdade que os custos são menores que os do financiamento, mas tem essa condição de não obter o bem logo após o contrato. Apesar de não pagar juros, você fica dependendo do sorteio ou de um grande valor de lance. Então o consórcio só é bom se você tem uma casa para morar e não precisa pagar aluguel enquanto não recebe o novo imóvel”, afirma. Diante disso, Ferreira ressalta que comprar à vista é sempre a melhor opção. Mas, se não for possível, o recomendado é financiar o mínimo.